

Bruna Beber. *Veludo rouco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. 104 p.

Em *Veludo Rouco* de Bruna Beber, observam-se alguns temas recorrentes, entre eles, a essência da experiência humana diante da vida e da morte, a reflexão sobre o tempo e o espaço, conduzindo o leitor para uma jornada poética que explora, sobretudo, os assuntos do cotidiano, os sons das ruas do Brasil e da África e, ao mesmo tempo, guia-o a territórios sombrios da existência, a lugares de inseguranças, e de conflitos internos, povoados por diversas vozes, cheios de momentos efêmeros de beleza e de graça. A obra se destaca pela capacidade de capturar a essência da rotina, é uma poesia do tempo presente com cenário comum. A autora desafia a percepção inicial do leitor, levando-o a refletir mais profundamente sobre a vida e o seu significado. *Veludo Rouco* é um convite para escutar atentamente o que as estranhas vozes têm a contar.

Trata-se de uma obra que está organizada em quatro seções distintas, intituladas como: *Amor e morte*, *Natureza e fantasia*, *Ofício e graça* e *História e geografia*. Com esses subtítulos sugestivos entre poemas cuidadosamente elaborados, Bruna Beber evidencia sua habilidade em criar imagens vívidas e evocativas, acompanhadas por uma riqueza distinta de sons, sensações e cheiros. A reiterada presença de um Eu poético, que busca aventurar-se em diferentes tempos e lugares, possibilita ao leitor encontrar, em *Veludo Rouco*, respostas às profundezas da alma humana.

A primeira parte desse livro, *Amor e morte*, é composta por dezesseis poemas e trata de uma memória coletiva que revela em Bruna Beber uma conexão com a sabedoria popular ligada às devoções do povo, representadas, sobretudo, em conselhos ou observações sobre a vida, geralmente, transmitidos oralmente ao longo do tempo, uma devoção aos santos ainda não reconhecidos em suas práticas religiosas, às promessas e aos milagres. O primeiro poema nomeado “Luizê” (p.13) leva o leitor a um destino religioso em São João de Meriti, Rio de Janeiro. O texto evoca a história de devoção a Santa Rita de Lisieux presente na memória do povo carioca. Ele se parece com uma

prece feita ao “Pai Celestí” e demonstra que o Eu lírico vai-se integrar a essa tradição da cultura popular, para confirmar que “ninguém sabe quem varre nossas porta”, presenteando o leitor com elementos típicos da oralidade, cujas representações continuam a manifestar-se em “santa Rita nós reza” e “o preto sim que sabe vagueá”.

A compreensão deste *Amor e morte*, que se desdobra ao longo dos diferentes poemas, fica claramente expressa em “Casarões” (p.16). O título do texto alude ao patrimônio arquitetônico e cultural brasileiro, ou seja, aos lugares que ajudam a contar a história das cidades e regiões onde estão localizados. A metáfora “o coração é o povoado da memória”, presente na primeira estrofe, faz uma associação entre o órgão físico do coração e a capacidade de lembrança e de recordação. Nesse sentido, o coração não é apenas visto como um órgão que bombeia sangue, mas como o centro simbólico onde residem as memórias mais profundas e significativas do ser. A imagem do povoado evoca a ideia de um local habitado, cheio de vida e sugere que as memórias são como habitantes desse espaço, ocupando um lugar de importância e influência na experiência emocional e psicológica. Essa metáfora também pode insinuar que as memórias estão intrinsecamente ligadas às emoções e aos sentimentos, uma vez que o coração é frequentemente associado ao amor.

Nos versos seguintes, as emoções mudam quando são associadas a outros órgãos, demonstrando um impacto profundo na vida do sujeito lírico: “aparentado com o fígado é o sentimento/ a indignação ocupa o estômago”. A realização da vida, contudo, é encontrada no último verso dessa estrofe: “mas o desejo faz do pulmão um pomar”; nele, a voz lírica compara os desejos humanos às sementes plantadas no pulmão, que podem gerar resultados abundantes e satisfatórios e são essenciais para a vitalidade e o crescimento pessoal.

Na segunda estrofe, a voz poética traz uma reflexão sobre a dualidade da existência humana e a incerteza da morte. Ao afirmar que “a cabeça é inquilina ou proprietária do corpo”, o poema tece uma analogia entre a mente (representada pela cabeça) e o corpo físico. Aqui, a cabeça pode ser interpretada como a consciência, a mente ou a alma, enquanto o corpo representa a manifestação física do ser humano. A expressão “inquilina ou proprietária” questiona quem realmente controla ou possui o corpo — se é a alma, que habita temporariamente o corpo durante a vida terrena, ou se é o próprio corpo, como uma propriedade. No último verso do poema, a pergunta “e

quem morre primeiro?" lança um véu de enigma, permitindo ao leitor avaliar melhor as duas dimensões à luz de suas próprias convicções e vivências pessoais, conferindo-lhe uma conotação metafísica.

Entretecida aos fios da cultura e da religiosidade popular brasileira, a autora revela, ao desfecho desta jornada, o poema "Lourdinha" (p.32), evocando uma possível alusão à devoção de Dona Lourdinha Fontão, uma figura popularmente conhecida nas ruas de São José do Rio Pardo, em São Paulo, mulher ativa que trabalhou em prol da evangelização e da assistência aos mais necessitados. Inicia-se o poema com a assertiva de que "Deus não dorme", retomando a crença de que Deus é onisciente, onipresente e onipotente. Na reflexão do Eu poético ressoa, ainda, uma dimensão moral, ao declarar "nem eu/ tudo muquirana", recordando que as ações humanas não passam despercebidas os olhos divinos e humanos, censurando atos que comprometem a qualidade de vida. Diante da dificuldade para adormecer ou permanecer dormindo durante a noite, o sujeito lírico afirma que "nela sou luz", demonstrando o amadurecimento espiritual. A aliteração da letra "v", presente na última estrofe, enfatiza o ritmo e a musicalidade do verso, criando uma sensação de fluidez e continuidade. Além disso, a escolha das palavras que começam com "v" reforça o tema da transformação e da jornada, evocando imagens relacionadas ao mar e à navegação, enquanto revela um timbre de voz poética suave e rasgado: "Mas de tanto velar/velame virei vela/ agora vou velejar".

A segunda parte do livro dedica-se à *Natureza e fantasia* e é formada por treze poemas, em que a autora emprega uma linguagem poética que se destaca por sua melodia e ritmo, criando um ambiente sonoro envolvente e sensorial. O poema de abertura intitula-se "Acusmática" (p.35), termo que se refere a uma forma de experiência sonora na qual os sons são ouvidos sem que sua fonte seja vista, tendo suas raízes na Grécia Antiga: "Queria entender a paisagem/ mas estou de mudança (...)". Nele, o sujeito lírico vai aprender sobre a cidade ouvindo as vozes da rua que serão a sua principal fonte de informação.

No poema, a voz poética realça a presença da sonoridade através de outras vozes que são destacadas em *itálico* no texto, como: "— quem fica aqui no degrau/ de baixo da escada não faz força/ faz amparo"; ou em "quando posso visito a rodoviária". Além disso, nota-se a presença de imagens sonoras, como "pede um café e assiste às pessoas/

indo embora”, “entreouviu/ no metrô”, “quando a porta bate/ batia”, que envolvem os sentidos do leitor de forma mais completa, permitindo-lhe que se concentre no aspecto auditivo da experiência.

Essa sonoridade também pode ser observada no poema “Veludo, veludinho” (p.49), palavras que não só descrevem um tecido, mas também que evocam sensações táteis e emocionais através de sua musicalidade. A beleza dessas palavras está em seu significado e na forma como ecoam nos ouvidos e na mente do leitor, criando uma experiência sensorial completa para quem as ouve ou lê.

A palavra "veludo" tem uma qualidade suave e luxuosa, que reflete sua própria definição. Quando pronunciada, as vogais "e" e "u" criam uma cadência agradável em que ressoa a textura sedosa e macia do próprio tecido. A consonância das letras "v" e "l" cria uma qualidade fluente à palavra, como se deslizesse suavemente. Por outro lado, "veludinho" é uma versão diminutiva de "veludo", sugerindo algo ainda mais delicado e suave ou uma qualidade mais íntima e afetuosa. Assim, "veludinho", mais do que "veludo", transmitindo uma sensação de conforto e ternura.

No entanto, as sensações sensoriais agradáveis sugeridas pelo título são transformadas em uma vivência de dor e desconforto ao longo do poema, ressaltando a complexidade das emoções e sensações. O Eu lírico busca compreender o processo de cura e recuperação de um machucado ao questionar: "tem que deixar/ aberto ou fechado". A incerteza do Eu poético pode ser interpretada como um sentimento de desconforto emocional, indicando vulnerabilidade, confusão e insegurança emocional. Isso cria um estado de conflito interno, sem uma solução clara ou caminho para lidar com os sentimentos, tecendo uma experiência humana de dor que vai além do literal.

Em *Natureza e fantasia*, Bruna Beber utiliza elementos da natureza — como “montanha”, “pássaros”, “peixes”, “minhoca”, “beija-flor”, “plantas”, “arvoredo”, “matas” — para criar metáforas que expressam emoções humanas ou exploram questões existenciais. Essa abordagem confere uma qualidade orgânica e sensorial à sua poesia, conectando o leitor com o mundo natural e convidando-o a refletir sobre sua relação com o ambiente ao seu redor. O leitor é levado “Para o rio Paraíba do Sul, na altura de Santa Branca (SP)”, em “!Nenúfar” (p.41-42); a contemplar a beleza do “Milagre dos peixes” (p.46); a ouvir a “Música das esferas vol.7”; e a fazer “memória da língua do Marujeiro da Lua”, em “Olho de ídolo” (p.43); enquanto é transportado para reinos da

“Imaginação querida” (p.50). Essa interação entre elementos naturais e fantasiosos enriquece a obra da autora, tornando-a uma jornada envolvente e inspiradora através dos territórios da mente e da natureza.

A terceira parte deste livro, *Ofício e graça*, é constituída por quatorze poemas, refere-se à prática e ao processo de escrever como uma profissão. O ofício remete à rotina de escrever uma “poesia mina” (p.55), às responsabilidades do escritor, já que: “O resto está no verso/ foi você que escreveu” (p.61); e aos desafios enfrentados no cotidiano de uma “Dissertação” (p.70). Bruna Beber aborda temas como o trabalho, o esforço e a persistência, capturando a essência das experiências mundanas e, muitas vezes, árduas que fazem parte da vida de cada um, como: “Distúrbios, barriga grande, dente mordido, inanição”, além de (...) “vício — contusão de choro e riso”, fazendo o leitor refletir sobre o caminho para o crescimento pessoal e intelectual, as lutas e os triunfos encontrados ao longo da vida. A graça, por sua vez, representa o riso, a beleza e a leveza que também estão presentes na vida diária. Bruna Beber celebra os momentos de alegria na presença de figuras gregas como “As pítias”— termo que remete às sacerdotisas do templo de Apolo em Delfos — recolocadas no contexto urbano, a surgir como vozes divinatórias, induzindo o leitor-ouvinte a desvendar o enigma da vida, lembrando-o da importância de encontrar a beleza nos detalhes simples da vida. *Ofício e graça* cria uma dinâmica cativante, onde as coisas comuns da vida são enriquecidas pela presença constante da beleza e do significado. Essa seção é uma celebração poética da vida, entoando a dor com um sorriso, em toda sua complexidade e riqueza.

A quarta e última seção intitulada *História e geografia*, que também possui quatorze poemas, refere-se a endereços específicos, como: “Rua Leopoldina Tomé” (p. 79), na cidade de Duque de Caxias, “Rua Joana Kalil” (p.82), em São João de Meriti. Fazem o leitor percorrer um caminho em direção do poema “Encruzilhada” (p. 92), em São Paulo, parecendo usar apenas os pés como meio de locomoção, como o sujeito lírico afirma “Na Barra Funda é assim”, mas também instiga a cruzar as fronteiras brasileiras em direção da África do Sul e Moçambique, conforme pode ser visto no poema intitulado “Fatima’s Place” (p.87-89). É nesta seção também que o leitor encontrará um poema que dá nome à obra (p.94-95), onde o Eu poético vai afirmar: “podem vasculhar com calma as minhas malas”, dando permissão ao leitor para que investigue, explore e compreenda profundamente sua mente, emoções ou experiências através da poesia.

Vozes, aliterações, assonâncias e ritmos são recursos utilizados em *Veludo Rouco* para enfatizar determinados sons musicais inesperados, além de ajudar na construção de imagens sonoras. A musicalidade nesta obra não se limita apenas à sonoridade das palavras, mas também está presente na estrutura dos poemas e na forma como são organizados na página. A autora brinca com a disposição do texto, criando ritmos visuais que complementam a musicalidade do conteúdo.

Veludo Rouco emerge como uma obra memorável da poesia contemporânea brasileira, que cativa e desafia o leitor por meio de uma linguagem que entrelaça elementos das tradições orais brasileira e moçambicana. Bruna Beber convida o leitor a percorrer um território ocupado por vozes e histórias que transcendem o tempo e o espaço, lembrando-o da efemeridade da vida. Neste livro, cada página é uma viagem para um destino desconhecido, guardando segredos e mistérios únicos. É uma jornada que convoca o leitor a estar atento à escuta, enquanto a poesia o conduz às profundezas da alma humana.

Karoline da Rosa Pereira

Mestre em Letras